

IV

A EXISTÊNCIA DE AGÊNERES

Vimos demonstrando a perfeita coerência das obras dos dois Missionários, obras que se completam. O único ponto do livro de J. B. Roustaing sobre o qual Allan Kardec teve reservas e aconselhou aguardar-se a confirmação universal dos Espíritos foi quanto ao corpo de Jesus. Hoje transcrevemos um excelente artigo de Kardec, publicado seis anos antes da obra de Roustaing, artigo que forma um verdadeiro "prefácio" para a teoria comunicada em *Os Quatro Evangelhos*. Eis o magistral estudo de Allan Kardec:

OS AGÊNERES

"Por diversas vezes temos tratado da teoria das aparições e a recordámos em nosso último número a respeito dos fenômenos estranhos que então relatámos. Para boa compreensão do que segue, lembramos aos leitores aquele artigo. (1)

(1) "Revue Spirite" de Janeiro de 1859, págs. 11 a 18. — O Tradutor.

"Todos sabem que entre as mais extraordinárias manifestações produzidas pelo Sr. Home, achava-se a aparição de mãos perfeitamente tangíveis, que todos podiam ver e apalpar, que tocavam e apertavam, mas, de repente, desapareciam, quando desejávamos apanhá-las de surpresa, e nossa mão só encontrava o vácuo. Foi este um fato positivo que se produziu em muitas circunstâncias e numerosas testemunhas oculares o atestam. Por mais estranho e anormal que pareça o fato, o maravilhoso desaparece desde que se possa entender o fenômeno e dar dele uma explicação lógica; passa, então, à categoria dos fenômenos naturais, embora de ordem muito diferente dos que se produzem sob os nossos olhos e com os quais não os devemos confundir. Nos fenômenos usuais, podemos encontrar pontos de comparação, como aquele do cego que comprehendia o brilho da luz e das cores pela comparação com os sons do clarim, mas não são semelhanças. Justamente a tendência de tudo querer assimilar ao que conhecemos é o que causa tantas ideias falsas a certas pessoas. Julgam que podem operar sobre esses elementos novos como sobre o hidrogênio e o oxigênio. Nisso está o erro; esses fenômenos estão sujeitos a condições que escapam ao círculo habitual das nossas observações. Antes de tudo, temos que conhecê-los e nos conformarmos com eles, se quisermos.

mos obter resultados. Além disso, não podemos perder de vista esse princípio essencial, verdadeira chave da abóbada da ciência espírita, a saber: que o agente dos fenômenos vulgares é uma força física, material, que pode ser submetida às leis do cálculo, enquanto que nos fenômenos espíritas esse agente é *constantemente uma inteligência que tem vontade própria, que não podemos submeter aos nossos caprichos.*

"Havia naquelas mãos carne, pele, ossos, unhas reais? evidentemente não; eram apenas aparência, mas tal que produzia o efeito duma realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não possa proceder do mesmo modo com outros órgãos. Suponhamos, pois, que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do seu corpo, creremos ver uma entidade semelhante a um de nós, enquanto que será apenas um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do Louquinho de Bayonne. A duração dessa aparência está sujeita a condições que nos são desconhecidas; essa duração depende, sem dúvida, da vontade do Espírito que a pode produzir ou fazer cessar a seu gosto, mas dentro de certos limites que ele não tem sempre a liberdade de transpor. Interrogados sobre isso, como sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, os Espíritos sempre disse-

ram que procedem em virtude de permissão superior.

"Se a aparição corporal é limitada para alguns Espíritos, podemos dizer que em princípio ela é variável e pode persistir por tempo mais ou menos longo; que ela pode produzir-se sempre e a qualquer hora. Um Espírito, cujo corpo fosse assim visível e palpável, teria para nós todas as aparências dum ser humano, *poderia conversar conosco, assentar-se como qualquer pessoa em nosso lar, porque para nós ele seria um dos nossos semelhantes.*

"Partimos de um fato patente, a aparição de mãos tangíveis, para chegarmos a uma suposição que é sua consequência lógica; no entanto, não nos aventurariamos a tal suposição, se a história do menino de Bayonne não nos houvesse aberto a porta, mostrando-nos a possibilidade. Intervogado sobre esse ponto, um Espírito superior nos respondeu que, de fato, *poderemos encontrar seres dessa natureza, sem suspeitarmos que não sejam homens normais;* e acrescentou ele que isso é raro, mas se dá. Como, a fim de nos entendermos, precisamos de um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas chamou-lhes *agêneres* (1), para indicar que sua origem não

(1) A palavra então cunhada pela "Société Parisienne des Études Spirites" já pertence hoje igualmente ao nosso idioma. O Dicionário de Laudelino Freire a define assim:

é produto de geração, não são gerados. O fato seguinte, ocorrido recentemente em Paris, parece pertencer a essa categoria.

“Uma pobre mulher achava-se na igreja de Saint-Roch e orava, pedindo o auxílio de Deus para sua miséria. Ao sair da igreja, na rua Saint-Honoré, encontrou ela um senhor que lhe dirigiu a palavra, dizendo-lhe: “Boa mulher, gostaria V. de encontrar trabalho? — Ah! meu bom senhor, disse ela, estou rogando a Deus que mo faça encontrar, porque sou muito infeliz. — Pois bem! vá a tal rua, número tanto; V. pedirá a Mme. F...; ela lho dará”. Dito isso prosseguiu ele seu caminho. A pobre partiu logo para o local indicado. — “Com efeito, eu tenho que mandar fazer um trabalho, disse a Sra. em questão, porém, como ainda nada disse a ninguém sobre isso, como foi que V. me veio procurar?”

“Vendo então um retrato pendente da parede, a pobre respondeu:

“— Minha senhora, quem me mandou aqui foi aquele senhor.

S. f. **Espiritismo.** Aparição tangível, em que o espírito assume a forma de pessoas vivas”.

O “Vocabulário Ortográfico” também dá como S. f., isto é, substantivo feminino, mas nos parece que o certo deve ser S.m., por isso escrevemos “Os Agêneres”, como escreveu Kardec: un agénere; porque está subentendido o substantivo “homem” no artigo de Kardec, e não “forma”, como supuseram os dicionaristas do Brasil e Portugal. Trata-se de “um homem não-gerado” como os outros, e não de “forma não-gerada”. Guillon Ribeiro empregou o substantivo como masculino.

“— Aquele senhor! exclameu a senhora com espanto; mas isso não é possível; este retrato é de meu filho morto há três anos.

“— Não sei como se deu isso, mas asseguro-vos que foi aquele senhor que encontrei, quando eu saía da igreja, onde fui rogar a Deus que me ajudasse; ele me falou e foi realmente ele quem me mandou aqui.

“Como vemos, nada haveria de surpreendente que o Espírito do filho dessa senhora, para prestar serviço a uma mulher pobre, cuja prece ele ouvira, lhe aparecesse sob a sua forma corporal para lhe indicar o endereço de sua mãe. Que se fêz dele depois? Sem dúvida, o que ele era antes: um Espírito, a menos que ele tenha julgado conveniente mostrar-se a outras pessoas sob a mesma aparência e assim tenha continuado seu passeio. Portanto, aquela mulher teria encontrado um *agénere*, com o qual teria ela conversado. Mas então, dir-se-á, porque não se apresentou ele à sua mãe? Em tais circunstâncias, os motivos determinantes dos Espíritos são-nos totalmente desconhecidos; procedem como lhes parece bem, ou, antes, como eles mesmos têm dito, em virtude de uma permissão, sem a qual não podem manifestar materialmente sua existência. Além disso, compreende-se que sua aparição poderia causar perigosa emoção à genitora; e, quem sabe, não seria ele apresentado a ela durante o sono ou

de algum outro modo? De qualquer sorte, o aparecimento à pobre não foi um meio de revelar ele sua existência igualmente à genitora? E' muito provável que ele tenha sido testemunha invisível da conversação no lar materno.

"O Louquinho de Bayonne não nos parece que deva ser considerado um *agêncere*, pelo menos nas circunstâncias em que se manifesta; porque para a família tem ele tido sempre caráter de um Espírito, caráter esse que ele nunca procurou dissimular: esse era seu estado permanente e as aparências corporais que tomava eram apenas acidentais; enquanto que o *agêncere* propriamente dito não revela sua natureza e aos nossos olhos é sómente um homem como os outros; sua aparição corporal, quando necessário, pode ser de duração bastante longa para que ele possa estabelecer relações sociais com um ou diversos indivíduos. (1)

"Pedimos ao Espírito de S. Luís a bondade de esclarecer-nos sobre esses diferentes pontos respondendo às nossas perguntas.

"1. Poderia o Espírito do Louquinho de Bayonne mostrar-se corporalmente em outros lugares e a outras pessoas além de sua família? — R. Sim, sem dúvida.

(1) Os exemplos clássicos na Bíblia são o do anjo que viajou com Tobias e o do aparecimento de Jesus-Cristo sobre a Terra. — O Tradutor.

"2. Depende isso da vontade dele? — R. Não só de sua vontade; o poder dos Espíritos é limitado; só fazem o que lhes é permitido.

"3. Que teria sucedido se ele se apresentasse a uma pessoa que o não conhecesse? — R. Essa pessoa o tomaria por uma criança como qualquer outra. Dir-vos-ei uma coisa: algumas vezes há sobre a terra Espíritos que revestem essa aparência e são tomados como homens normais.

"4. Tais seres pertencem à categoria de Espíritos inferiores ou superiores? — R. Podem pertencer a ambas as categorias; são fatos raros. Tendes exemplos na Bíblia. (1)

"5. Raros ou não, basta que tais fatos ocorram para merecerem atenção. Que sucederia se, tomando um tal ser por um homem ordinário lhe fizessem um ferimento mortal?

(1) São muito numerosos esses fatos na Bíblia. Antes e depois da crucificação, Jesus aparecia com o mesmo corpo e até tomava alimentos como qualquer homem.

Informa-nos o nosso eruditíssimo confrade Dr. Carlos Imbassahy que o nascimento de Krishna e de outras personagens semelhâncias da Índia antiga ter-se-ia revestido dos mesmos mistérios que envolveram o aparecimento de Jesus. Teriam sido agêneros igualmente tais personagens. Não possuímos suficientes dados para formar opinião própria e nos limitamos a registar aqui essa comunicação daquele culto amigo.

Quanto a Jesus, possuímos esses dados e não temos dúvida.

Seria ele morto? — R. Ele desapareceria sùbitamente como o jovem de Londres. (Veja-se o número de Dezembro de 1858, de *Revue Spirite*. "Fenômeno de bi-corporeidade").

"6. Têm eles paixões? — R. Sim, como Espíritos, eles têm paixões de Espíritos, conforme sua inferioridade. Se tomam um corpo aparente, algumas vezes, é para gozar as paixões humanas; quando são elevados, fazem-no para um fim útil. (1)

"7. Podem eles gerar? — R. Deus não o permitiria; isso seria contrário às leis por Ele estabelecidas sobre a Terra e essas leis não podem ser frustradas.

"8. Se uma tal entidade se nos apresentar, teremos um meio de reconhecê-la? — R. Não, a não ser pela sua desaparição que ocorre de modo inesperado. E' fato igual ao transporte de móveis do andar térreo para o sótão, como já lestes antes.

NOTA — Alusão a um fato dessa natureza relatada no começo da sessão.

(4) Lembramos mais uma vez que Jesus continuou a dar instruções aos discípulos, depois de haver passado seu corpo aparente pelo sepulcro, aparecendo-lhes sempre tão materialmente como antes da crucificação. As aparições registradas por Allan Kardec confirmam e explicam o relato dos evangelistas. — O Tradutor.

"9. Que finalidade pode incitar certos Espíritos a tomar esse estado corporal; é antes para o bem ou para o mal, que o fazem? — R. Muitas vezes para o mal; os bons Espíritos têm a seu dispor a inspiração; agem sobre a alma e por meio do coração. Sabeis que as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores e que essas são daquele número. Entretanto, como eu já disse, Espíritos bons podem também tomar essa aparência corporal com fim útil; falei em geral.

"10. Nesse estado podem eles tornarem-se visíveis ou invisíveis à vontade? — R. Sim, pois que podem desaparecer quando querem.

"11. Têm eles um poder oculto superior ao dos outros homens? — R. Eles só têm o poder que lhes confere sua categoria espiritual.

"12. Têm eles necessidade real de alimentos? — R. Não; seu corpo não é real.

"13. Embora o jovem de Londres não tivesse um corpo real, ele almoçou com seus amigos e lhes apertou a mão. Que se fêz do alimento ingerido por ele? — R. Antes de apertar a mão, onde estavam os dedos que fizeram a pressão? Compreendeis que o corpo desaparecesse. Porque não quereis comprehen-

der que a matéria também desapareça? O corpo do jovem de Londres não era uma realidade, pois que ele estava em Boulogne; portanto, era uma aparência; o mesmo se dava com o alimento que ele parecia ingerir.

"14. Se tivéssemos um desses seres em nosso interior, seria isso um bem ou um mal?
— R. Seria antes um mal; demais, não se podem manter longas relações com esses seres. Nunca será demais repetir-vos que esses fatos são extremamente raros e nunca têm caráter de permanência. As aparições corporais instantâneas, como a de Bayonne, são muito menos raras.

"15. Algumas vezes toma essa forma um Espírito familiar protetor? — R. Não; não tem ele as cordas interiores? Toca-as com mais facilidade do que o faria em forma visível que tomaríamos por um homem como os outros.

"16. Tem-se perguntado se o Conde de São Germano pertenceria à categoria dos *agêneres*. — R. Não; ele era um hábil mistificador.

"A história do jovem de Londres, relatada em nosso número de Dezembro de 1858, é um caso de bi-corporeidade, ou, melhor, de dupla presença, que difere essencialmente do que es-

tamos tratando. O *agênero* não tem corpo vivo sobre a Terra; só o seu périspírito toma forma palpável. O jovem de Londres estava perfeitamente vivo. Enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu Espírito, envolto em seu perispírito, foi a Londres e tomou lá uma aparência tangível.

"Temos pessoalmente um caso mais ou menos análogo. Enquanto estávamos cômodamente na cama, em nossa casa, um dos nossos amigos nos via várias vezes em sua residência; embora em aparência não tangível, assentávamo-nos a seu lado, conversando com ele como de costume. Certa vez ele nos viu de *robe de chambre*, outras vezes de paletó. Ele transcrevia nossa conversação e no-la comunicava no dia seguinte. Como bem se pode imaginar, essa conversação era sobre trabalhos de nossa predileção. Visando fazer uma experiência, ofereceu-nos ele refreshes e eis a nossa resposta: "Não tenho necessidade, pois que o meu corpo não é que está aqui; vós o sabeis; portanto, não há necessidade de produzir-vos uma ilusão". Uma circunstância bem estranha se dava nessa ocasião. Por predisposição natural ou como resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde a nossa juventude, poderíamos dizer até desde nossa infância, o fundo do nosso caráter foi sempre de extrema gravidade, mesmo na idade em que só se cuida dos prazeres.

Essa constante preocupação nos dá muita frieza de trato, frieza mesmo excessiva; pelo menos isso nos tem sido criticado muitas vezes; mas, sob esse invólucro de aparência glacial, o Espírito tem sentimentos mais vivos, talvez, do que se ele tivesse mais expansão exterior. Pois bem, em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, foi ele surpreendido de nos encontrar totalmente outro; alma mais aberta, mais comunicativa, quase alegre. Tudo em nós respirava a satisfação e a calma do bem-estar. Não é esse o estado do Espírito quando desprendido da matéria?"

ALLAN KARDEC.

(*Revue Spirite*, Fevereiro de 1859).

Pedimos especial atenção do leitor para esta frase de S. Luís, dada à 4.^a pergunta de Kardec: "Tendes exemplos na Bíblia".

Na classificação de Kardec, Jesus foi um *Agênero*, mas não foi o único, se bem tenha sido o de maior elevação que o mundo conheceu. Quanto a ser um Espírito que fazia e desfazia seu corpo à vontade e conforme às necessidades, Jesus teve muitos similares; porém, quanto à sua hierarquia e à sublimidade de sua Missão, ele foi único.

Os Espíritos já deram plena confirmação à revelação feita a Roustaing de ser Jesus um *Agênero*, único ponto então posto de "quarentena" pelo Mestre..

V

SIMULTANEIDADE DE ENSINAMENTOS

Vimos no capítulo anterior que Allan Kardec cunhou a palavra *Agênero* para expressar um ser humano que não foi gerado, mas que se formou por uma condensação de fluidos em torno do seu perispírito, como o Louquinho de Bayonne e outros por ele mesmo citados, e submeteu ao Guia, S. Luís, um interrogatório sobre a existência de tais seres, no mundo. O Guia confirmou tal existência e declarou que há exemplos na Bíblia. O mesmo Kardec, mais tarde, menciona da Bíblia o caso do Anjo que acompanhou o jovem Tobias.

Em "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XIV, §§ 5 a 7, o Mestre trata do episódio em que Jesus interrogou: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" e nos apresenta os seguintes raciocínios:

"Singulares parecem algumas palavras de Jesus, pelo contrastarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que ele se contradizia. Fato, porém, irrecusável é que a sua doutrina tem por base principal, por pedra angular, a lei de amor e de